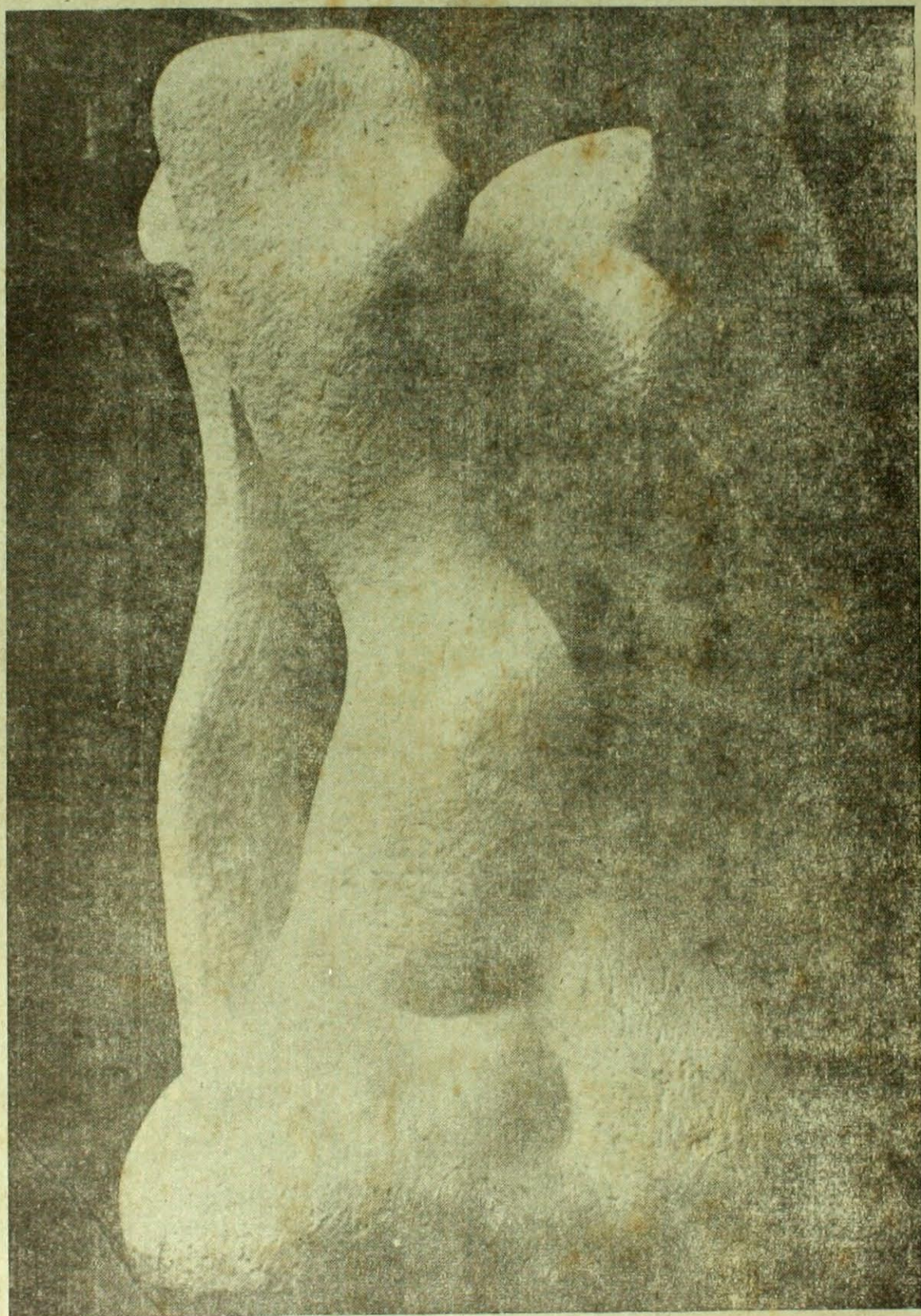


SUL

Revista do Círculo de Arte Moderna



TORSO DE DEL PRETO (ARGENTINO)

FUGA

Marcos Romero

Mar apagado de lembranças
Estrêlas em rotas frias
Perdidas as esperanças
acumuladas em nuvens tristes.

Partir, partir sempre!
Não importa o círculo de fôgo.

Buscar outra vez
o pássaro de prata
Abandonar outra vez
as trevas, cruzeiros e arames
que me prendem
ferrado às condições extremas
do não dever, nem poder.

Ah! Ver de novo
a noite
aberta e mansa
amante e quente
a rolar pedrinhas soltas.

(Rio)

POEMA

Eglê Malheiros

Coloquei de lado
A mente exausta
E ela se perdeu em turbilhões
Perdi meu canto
E o corpo tolo
Desorientado
Ficou na terra
Chorando exangue

Deslizaram por mim centenas de mundos
E passos marcaram a calçada
De rastros sem rumo
Calcando por terra meus sonhos

Me contemplei
E tive pena de mim
Velha de tôdas as velhices
Esperança frustrada de tôdas as juventudes
Depois
Senti asco
De meu próprio eu

Pesquei meu cérebro no sumidouro
Abracei o meu cantar
Pesado de lágrimas
E de sonhos defuntos
E da ilha isolada
Bradei por Irmãos.

SUMÁRIO

Fuga
Poema
Teatro Experimental
Ele voltou para casa
Poema
O mundo gingado
Poema
Roxinha
O animal que me matou, foi o homem
Encontro
Apontamentos de caderno
Toga sem manchas
Notícias
Serenata Romântica
Sete anos de pastor

Marcos Romero
Eglê Malheiros
Ody Fraga e Silva
Archibaldo Cabral Neves
Moacir Souto Maior
Armando S. Carreirão
Reinaldo Moura
Alves de Araujo
Anibal Nunes Pires
Salim Miguel
Antônio Paladino
Élio Ballstaedt
Hamilton V. Ferreira
Francisco Cabral
T. C. Jamundá

U M A N O

Telegrama aos incrédulos:

Estamos vivos. Apesar de todos os prognósticos. Não desistimos. Cada dia que passa ganhamos mais experiência, a mesma que certos senhores não sabem fazer uso. Chegará um dia também, talvez, que não saberemos fazer uso da nossa experiência. Mas por enquanto estamos vivos. E não desistimos. O que não quer dizer que isto não possa acontecer de uma hora para outra.

Florianópolis, Fevereiro de 1949.

C. A. M.

SUL

REVISTA DO CÍRCULO DE
ARTE MODERNA

Redação:
Conselheiro Mafra, 147
Caixa Postal, 384
Florianópolis, S. C.

DIRETORES:
Anibal Nunes Pires
Fúlvio Luiz Vieira

SECRETÁRIOS:
Salim Miguel
Antônio Paladino

CORPO DE REDAÇÃO:
Eglê Malheiros
Ody Fraga e Silva
Archibaldo C. Neves
Élio Balstaedt
Pedro Taulois
Walmor C. Silva

REPRESENTANTES
Rio — Hamilton V.
Ferreira

P. Alegre — Odílio
Malheiros Jor.

GERENTE:
Armando S. Carreirão

SUL acolherá em suas páginas, com a maior simpatia, toda a colaboração enviada, de qualquer parte do Brasil, especialmente dos jovens, se reservando porém o direito de escolha para publicação.

Os originais, mesmo não aceitos, ficam na Redação.

Todos os artigos são assinados e decorrem, as responsabilidades, de seus autores.

Todo e qualquer livro dirigido a esta revista, independentemente de crítica assinada, será registrado.

Desejamos manter contacto e permuta com outras publicações.

ASSINATURA POR DOZE
NÚMEROS: Cr\$ 24,00

PREÇO POR EXEMPLAR:
Cr\$ 2,00

As assinaturas podem ser pedidas diretamente à direção, por vale postal ou carta registrada com valor declarado.

O QUE DIZEM DE "SUL"

NOTÍCIAS LITERÁRIAS

Silvio de Macedo

REVISTA SUL, do Círculo de Arte Moderna
de S. Catarina.

A "Província" começa de adquirir expressiva categoria literária na vida social do país. Foi assim, há muito tempo. Lembramo-nos da Escola do Recife, da Escola Baiana, da Mineira...

Na França, os grandes escritores surgem das províncias. Apenas eles, em Paris adquirem ressonância universal, na capital do mundo intelectual, ainda, pelo menos no terreno literário e artístico.

No Brasil, nota-se, nos dias atuais, uma enorme movimentação literária nas províncias. A descentralização, ideal em matéria administrativa, se faz valer agora, mais uma vez, no terreno literário. Não há necessidade mais de que todos os intelectuais emigrem para o Rio e S. Paulo, porque em várias províncias se fundam núcleos literários, e novos movimentos da geração se fazem sentir fortemente. E disso temos convicção, em vista do que estamos recebendo constantemente dessas diversas províncias. No Ceará, vemos o escritor Fran Martins concentrando nas letras cearenses. Estamos em contacto fervido com forças em "Clã" — revista que reúne o que há de melhor desse grupo dos novos da terra de Iracema, e podemos avaliar o seu poder criador. No Rio Grande do Norte, os novos também fundam uma revista — "Revista da Província", — estando à frente da mesma Romildo Gurgel. Em Manaus, estão para aparecer "Grito" e outras. Em Belém, prepara-se "Encontro". No Recife, vemos as vitoriosas revistas "Região" e "Nordeste" de repercussão no país. E vão surgir "Presença" e "Letras Pernambucanas". No Rio Grande do Sul, estão "Província de S. Pedro", "Critério" e "Quixote". No Paraná vê-se "Joaquim". Em Belo Horizonte, "Kriterion" (revista de filosofia) e "José" (revista literária dos novos). E, finalmente, "Panorama", "Edifício", "Nenhum" (todas revistas literárias). Vê-se, aí, uma das mais ricas províncias literárias, em quantidade e qualidade.

Agora, estamos em face de "Sul", revista do Círculo de Arte Moderna de Florianópolis, S. Catarina. Com alegria intelectual, acusamos o recebimento dos três primeiros números dessa revista, cuja direção cabe ao escritor Anibal Nunes Pires.

Além desse valor literário, notamos a presença de Salim Miguel, de Ody F. S., de Eglê Malheiros, Fulvio Vieira e outros.

Definindo o programa da revista que é o programa do Círculo de Arte Moderna, o escritor Anibal Pires diz que "parece haver uma indigência intelectual, incapaz de permitir a aventura das idéias e das imagens, incapaz de captar aquelas realidades que não são "pão de ló" de festas e nas quais o espírito rotineiro jamais penetrará... O artista moderno parece tender para a síntese absoluta: uma figura humana, uma atitude, uma idéia, uma expressão... "O Sul" do Círculo de Arte Moderna, que hoje apresentamos, em Florianópolis, se propõe, na medida do possível, revelar os valores novos e acompanhá-los, da cultura e, principalmente no campo das letras e das artes, do mundo atual no campo da filosofia, da e das artes".

É realmente o que "Sul" vem fazendo, revelando esses novos valores. Alagoas é que está agora a necessitar da sua revista puramente literária, sem se fazer nenhuma concessão, é claro, a sub-literatura. E quem sabe se ainda este ano não surgirá uma Província de Alagoas?

TEATRO EXPERIMENTAL

Ody Fraga e Silva

Após um longo período de estudos e observações, com resultados, as vezes, estapafúrdios, fixamos definitivamente a nossa diretriz teatral, com a fundação do "Teatro Experimental do C. A. M."

Muito é preciso dizer sobre esta entidade do Círculo de Arte Moderna e procuraremos, neste artigo, mui rapidamente, esboçar o que vem a ser este teatro e a que se propõe.

A primeira coisa a fazer, e a mais importante em qualquer setor de atividade dos novos, é quebrar, destruir até a sua primeira essência o espírito de amador. Num trabalho de pesquisa artística, na procura estética e na realização do ideal de arte, nada mais nocivo e mediocre do que a mentalidade amadora e diletante. O fundamental numa realização deste escopo é o espírito de responsabilidade. A certeza daquilo que se está fazendo. Os "porques" e os "comos" da realização, características as quais o amador desconhece.

Não somos profissionais e não somos amadores. A linha mestra de nossa diretriz é não estarmos nos divertindo, porém, procurando realizar um trabalho de valor estético e cultural.

Discutimos, estudamos e trabalhamos para atingir nosso fim. Temos, todos, consciência de nossa responsabilidade, enorme perante nós mesmos e nos desenvolvemos dentro de um plano estabelecido e bastante estudado.

Estimemos, agora, alguns pontos deste teatro, procurando dar uma visão geral:

1 — TEATRO RENOVADOR

Um conjunto de novos, agindo dentro de um setor de experiência, deve ter como centro de atividades a renovação.

Tendo um original a ser montado, ele recebe estudos cuidadosos, nas suas mais amplas perspectivas, iniciando-se logo um trabalho coordenado, em que tomam parte todos os elementos, dentro de um setor definido. Todos possuem igual importância e responsabilidade. Só se consegue um resultado de real valor, quando há uma perfeita coordenação entre todos os elementos, que emprestam seus serviços à realização, desde o diretor até ao ponto ou ao maquinista.

Todos os prismas de atividade são estudados com minúcia e cuidado, entrando cada um a executar sua tarefa, com o correr dos trabalhos, vão-se agregando os vários elementos dando, por fim, um conjunto uno e homogêneo, quando se termina o trabalho de montagem de uma peça.

No momento, ainda carecemos de meios materiais e de pessoal, o grupo ainda é pequeno. As deficiências materiais de qualquer forma são vencidas. A falta de pessoal, porém, acarreta no acúmulo, tornando o trabalho exaustivo. A organização e o planejamento dos trabalhos levam, contudo, ao fim que se objetiva, a montagem da peça.

No teatro experimental a montagem implica em estudos, debates e observações. Todos dão sua colaboração e todos ganham experiência e conhecimentos. Assim deve trabalhar um teatro renovador. Todos são de igual importância e as responsabilidades e os louros são comuns.

2 — TEATRO DE DEBATES

Dentro do nosso plano de atividades incluímos, também, o teatro de debates. Em linhas gerais consiste tal teatro no seguinte: leva-se a peça. Terminada a representação, todos os elementos que nela tomaram parte, vêm ao proscênio e começam a ouvir o público. Travam-se então debates. Ouvem-se as críticas. Elucida-se pontos não compreendidos. Ensina-se e aprende-se.

O significado do teatro de debates é importantíssimo dentro do espírito renovador que nos dirige. É o meio mais direto de completar a mensagem que desejamos levar até ao público. Em Buenos Ayres, tal experiência realizada pelo "Teatro del Pueblo", produziu resultados excepcionais.

O teatro de debates pode, também, ser realizado em plena rua. Numa escadaria, num jardim, num parque, em

SERENATA ROMANTICA

F. Cabral

O instante é breve e eu cantei os hinos todos que devia fazer de tudo que é poesia.

Tú cantaste o luar, eu a lua,
o luar e a lua celebramos.

Eu chorei sobre o mar, tú sobre as estrelas
e o mar e as estrelas colheram este pranto.

Conchas de ouro te dei, ouro em conchas me deste,
surpreendemos a flor quando ainda murchava.

Foste à fonte a correr, nos teus lábios bebi,
nossa sede foi mútua, saciamos sem medo.

Te fizeste nevoeira, direção eu perdi,
não ouvi o teu canto, nem advinhei o luar.

Te chamo no esquecimento
não podes deixar de vir.

(Cataguazes)

qualquer lugar onde sejam praticáveis certas peças possuidoras de condições para tais casos. O âmbito aí é mais amplo e a divulgação se torna mais eficaz.

3 — TEATRO INFANTIL

Talvez seja uma de nossas proposições mais difíceis o teatro infantil. Ele possui condições especiais e requer estudos e trabalhos longos e exaustivos.

Três são as formas que se usarão para o teatro infantil:

- Os bonecos.
- Adultos representando para crianças.
- Um elenco infantil.

Este trabalho não pode ser realizado em grandes proporções, porque nossas responsabilidades e acúmulo de trabalho não o permitem. Desenvolveremos nossas experiências, de início, em um grupo escolar.

O teatro de bonecos talvez seja o meio mais direto de nos comunicarmos com as crianças (e com alguns adultos também). A atração do boneco, segundo temos observado, é muito maior que outra qualquer. O teatro de bonecos não é dispendioso e possui elementos inestimáveis para levar a criança à arte, cultura e sensibilidade.

Usando-se adultos elabora-se peças especiais, baseadas em histórias infantís e lendas folclóricas. Grandes tem sido os resultados de tal emprego e, em vários países da Europa, foram atingidos e resolvidos muitos problemas da criança, fazendo-a compreender e assimilar muitos conhecimentos, ao mesmo tempo em que se vai lapidando sua delicada sensibilidade.

Em alguns países, no nosso por exemplo, onde o nível cultural é baixo, estas formas de teatro tem grande importância como recuperação e como alevantamento da média cultural.

Empregando crianças na realização do seu próprio teatro, deve-se fazê-lo o mais amplamente. Assim, feita a seleção, emprega-se os meninos em tudo. No elenco, na maquinaria e até na cenografia. Usa-se os que possuem, pendor para o desenho, explica-se todo o conteúdo da peça, ensina-se como se faz um cenário e deixa-se que eles próprios, sob orientação, montem seus espetáculos.

Inúmeras coisas é preciso dizer, mas não podemos nos alongar mais. Com esta rápida e superficial explanação, acho que demos uma idéia dos nossos objetivos. Ao encerrarmos este artigo fazemos um apêlo a todos os nossos leitores no sentido de nos prestarem o seu auxílio; ele pode ser feito de várias maneiras e não precisa ser, exclusivamente, de caráter econômico. Podem nos auxiliar enviando-nos originais de peças, para a nossa biblioteca. Material de cena. Roupas, para o guarda-roupa, apetrechos de maquiagem e uma infinidade de outras coisas, as quais serão recebidas com o mais profundo reconhecimento. Podem ser enviados à caixa postal 384, Florianópolis, S. C. E no momento é só.



Ilustração de Yllen Kerr

ÊLE VOLTOU PARA CASA

Archibaldo Cabral Neves

Algumas palavras a mais, algumas palavras a menos; de nada adiantaria dizer mais algumas palavras, as opiniões já estavam formadas nas suas cabeças, não havia lugar para mais nada.

Érico deixou-se ir para casa, o incidente tão simples, tomava formas, as mais e estranhas no seu pensamento. Punha-se a pensar e perdia-se.

Ir para casa! Em pouco tempo estaria em casa, descansaria... Ir para casa? Não, assim não poderei ir, não sei disfarçar, todos irão notar a minha tristeza, serei olhado como um doente, sollicitamente todos hão de querer fazer algo para me agradar (não compreendem o que se passa, pretenderão ser agradáveis e não o serão, terei raiva de tantos mimos), viverei numa espécie de irrealidade forçada (terei de fingir), num constrangimento, meus nervos não aguentarão. Por que as pessoas não nos deixam nós mesmos resolver os nossos problemas. Veem as aparências e querem corrigi-las. Existe sempre alguma coisa debaixo das aparências, mas não sabem. Os nossos problemas, nós os conhecemos de há muito, não os resolvemos; as outras pessoas, ingenuamente, propõem-se a resolvê-los; querem ajudar-nos, bem poucas as pessoas que conseguem no mais das vezes, atrapalham-nos. Novas contrariedades e os problemas ficam intactos, intactos e sem solução. Prefiro andar, destilar e deixar pelo caminho o meu pensamento, meus problemas, o meu nada interior.

De quinze a vinte minutos era o tempo médio para Érico fazer o trajeto rumo a casa; olhou para o pulso, o relógio pulseira dizia-lhe que era ainda cedo, todos estavam acordados em casa, o melhor era mesmo andar, andar bastante para deixar que o vento levasse para longe as dúvidas e com êle ficasse a realidade, boa ou má, não importava, queria a realidade sem artifícios de sociabilidade. Não a suportava, era-lhe indiferente, não a combatia (quem era êle?), mas não a aceitava. Queria a franqueza e nunca a encontrava só.

Era cedo ainda, resolveu andar mais devagar, fazia uma noite bem encantadora lá fóra, lá longe no Céu deveria haver muita alegria; as estrelas, a lua, todos contentes. Afinal, havia alguma alegria. Para esquecer, Érico, procurava observar, os olhos viam e o pensamento mudava. Agora que estava só, os olhos procurando um ponto de apoio para os seus problemas, notava detalhes interessantíssimos. Notava um ângulo diferente em cada coisa. As árvores uma após outra, todas semelhantes, mas não havia duas iguais. Procuraria inutilmente e jamais encontraria duas que se parecessem. Sentia o vento passando, era a realidade. Pensaria bem na sua questão, na suposta realidade vista por seus companheiros, realidade que era vista mas não observada, êles eram míopes mental e moralmente, suas mentes viam o que os olhos enxergavam, recusavam-se a serem seus próprios médicos e continuavam sofrendo da vista. Talvez o tempo os curasse dizem que para certas doenças o melhor remédio é o tempo, talvez que para o futuro êles enxergassem melhor. Por certo chegaria a uma conclusão. Tudo dependia de imparcialidade e boa vontade. Érico era suficientemente livre para poder alcançar um ponto, ter uma solução sem procurar enganar-se. Olhou os acontecimentos de frente, eram acontecimentos passados, mas não esquecidos; por duas vezes dobrou esquinas tornando mais extenso o caminho de casa. Vagou muito. Os cigarros (fumara muitos) trouxeram-lhe a costureira dor de cabeça, e os mesmos problemas persistiam no círculo vicioso, da sua imaginação. Andara bastante, seus cigarros acabavam. Já há quase duas horas vagava pelas ruas, os acontecimentos haviam desfilado, continuavam porém sem solução. Agora já todos estariam a dormir em casa, procuraria ler alguma coisa, algum livro que lhe desse a solução para os seus problemas, talvez tão simples, e tão insolúveis.

Chegou a casa. O seu espírito não se conciliou com a leitura, foi para a cama e cansado finalmente adormeceu.

POEMA DE MOACIR SOUTO MAIOR

A Napoleão Ivo

Uma nuvem intermína
se adelgaça. Espesso é
o lírio branco
que colhemos na manhã.

A lagôa mansa
é como meu verso
não tem rugidos
de cataclismas.

O éco das palavras
se estende lépido
a bruma espessa
não tem mistérios.

O tempo é breve
como a palavra
do suicida
que está distante.

O poço reluz
numa cor prateada
parece uma seta
a brilhar na noite.

Bom-jardim, 948.

Pernambuco

O MUNDO GINGADO

Armando S. Carreirão

No aspirar do aroma da vida
É que se compreende o mundo gingado
Do cáos que transpira
Em cada desejo
Em cada noite (em todas elas)
Sucumbidas em nossas retinas.
Surge nas pernas de nossos pensamentos
O gozo das ives inocentes
Que pintam o Céu cinzento
Voando livres
Sob os dedos de terra sôbre o mar...
A música sonolenta de nossos caminhos
É a carga que desembarca
Nas horas de tédio
É a flôr que nas manhãs úmidas
Lança o seu bocejo nas brumas.
O nosso mundo o berço que balouça
Nas horas fracas de todos os dias
As tristezas casmurras
Das dúvidas de nossos olhares...
Lembrar-se dos dias desertos
Que nos espreitam em cada instante
É carregar o peso das palavras melancólicas
Através do nosso mundo
Do mundo gingado.

POEMA

Reinaldo Moura

Senhor, aos vossos pés, no limo do universo
Este eterno clamor de um mar que ninguém vê.
Fragil e irracional no deserto sem praias
Um infinito entre eu, a larva, o impulso, o medo
E a possível compreensão de outras e outras constelações.
Senhor, sois o meu bestial inconciente, esta criança de
[pupilas profundas?

Este grito entre o clamor marinho repetindo
Num ainfima escala o absoluto da eternidade?
Os deuses de pedra adormecidos sob a narcose azul do
[tempo?

Os símbolos imóveis brotando da ferocidade inquieta da-
[queles homens perdidos?
Sois o pai devorado pelo ressentimento e redivivo no
[pavor

O braço imenso entre as estrelas, os signos astrais em
[cada poeira efemera de século?

Mas eu vos pedi e vós me destes no silêncio
Como o gesto invisível dos enigmas.
Eu vos solicitei e nenhuma coluna de fogo, um pássaro, a
[tormenta, a presença da graça...

Nenhuma. Apenas vós me destes a força.
Estava em mim mesmo? No verme? Ou era o mistério
[desmedido?

Porque, para lá das limitações de nossos insignificantes
[abismos

Sois o impensavel, Senhor!
Nossa consciência, em marés cinematográficas capta
[algumas realidades, e mundos imaginários

Leve, a perder de vista, em marés do acaso.
Não anda aqui, do outro lado do cotidiano, quase palpavel
[sem que ninguém explique essa presença?

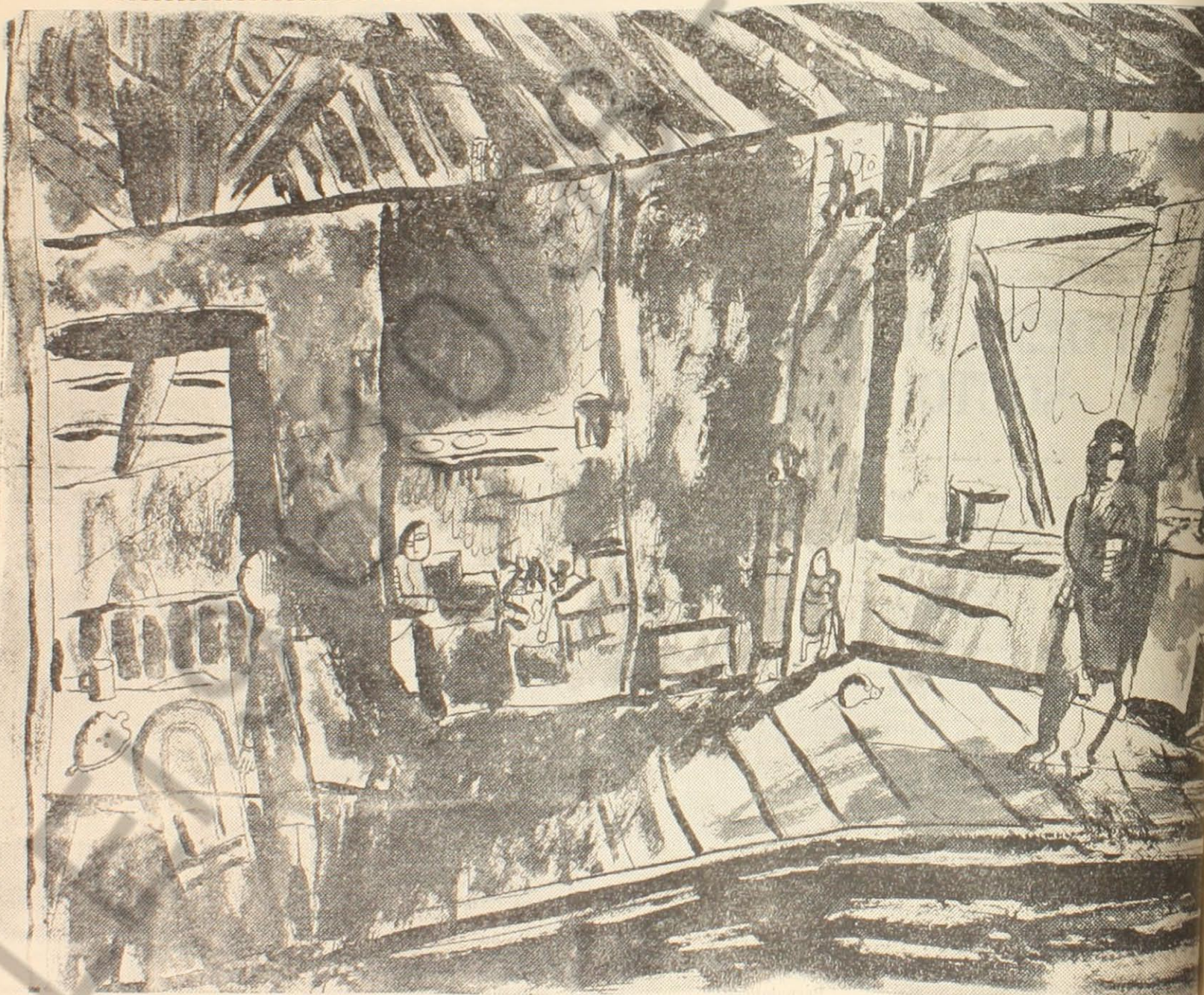
Do outro lado do cotidiano, das calmas superfícies da vida
[do dia a dia, do outro lado das coisas familiares

Onde se aninha o mistério como às vezes a suspeita da
[existência de uma asa efemera e branca, vai-se ver,
[erguer o reposteiro, afastar o movel e é só o
[silêncio e a poeira.

Entretanto, o tempo que contém os movimentos geradores
[das formas,

Se esvai. O tempo flui e sentimos a eternidade.
A hora solar morre na síncope da côr.
A sombra, como o minuto dourado
Só adensa o mistério e nada explica.

Aquela estrela tão longe, longe...
E todos os homens adormecidos.



Composição de Van Rogger

ROXINHA

Alves de Araujo

Cantam doridamente junto ao violão:

"Ai roxinha, ai não chora,
ai roxinha, casado também namora..."

Não sei se abraço Carmem, a de olhos verdes ou Maria do Brejo, a dos olhos mansos. No banho da cachoeira foi Ruth, estou certo, que montou meus ombros. Confunde-me saber qual corpo macio e gotejante enxuguei cuidadosamente. Os olhos verdes são de Carmem e os mansos de Maria? As garrafas secaram; ela quer beber mais.

O violão melancoliza as arvores, a serra muito ao longe e o céu de poucas nuvens. Bois pela vargem ruminam pacientes, olhando o mundo em torno com imenso desprezo. Frouxamente a mão acaricia-me os cabelos e a boca chama:

— Você gosta de mim, nêgo?

Gosto muito Carmem, muito, de coração (é que não posso deixar de amar agora, mesmo sem vontade). E entro no estribilho:

"ai roxinha, casado também namora..."

O "ai" vem do peito, de muito fundo e é comprido, desconsolado. Chininha é um braço no improviso, não tem má voz. A gente escuta mas as gargalhadas, os gritos e as safadezas minguem com o dia. Rolamos pelas folhas secas. Manduca, meia esquerda do Glorioso Sport Clube, descobriu, escondida por trás de um cupim, a última caixa de cerveja. Seo Aridío — delegado nas horas vagas — tem uma idéia:

— Vamos trocar de mulher?

Trocamos. E a festa recomeça.

Maria do Brejo veio me confessar que só por mim viera à farra. Eu ingrato proferindo aquela serigaita.

— E o Lucio, Maria?

— Um bobo. Diz que sou uma flor do lodo. Um gozado! Me fez até versos, imagina.

Puxa-me pela mão, quer me mostrar uma coisa. Pelo caminho dá-me esbarrões. De um tronco fazemos banco e, então, ela me mostra. E eu vejo. Depois apanha uma casca de laranja e gira-a na mão.

— a... b... c... (ai a casa arreventou) C!... é mesmo o nome do meu amor. Casar comigo é que não sei (ri).

Eu me chamo Cândido, ela sabe disto. Também me rio. Os braços de Brejo me enlaçam o pescoço. Apalbo-lhe as intimidades. Beija-me, a porca. Deus! pode ter sífilis.

— Meu louro, casa comigo, casa?

Sei que a mulher economizou bom dinheiro (ia para os quarenta anos). Fazenda grande, gado e tudo ela tem! E minha prima, virgem às direitas, mora em um bangalô dela, nos Quartéis. Contam em cem contos o que enfurnou no Banco.

— Ora esta! quem te meteu na cabeça? Cerveja?

Parece que os olhos de do Brejo deixaram de sorrir; anoitece.

— Vontade de acabar com esta vida, nêgo. Bobagem; não zanga comigo não.

Se enroscou pelo meu corpo, desconversando tudo. Muito bem, que estou para me divertir. Nada de probleminhas, por mim pode se arreventar. Não, não penso nisso, penso quantos anos levaria ela para morrer. Automóvel, boa roupa, muita grana, respeito.

O bando de maritacas, voando em nuvem livrou-me, ó Deus, da tentação. Perco o fio que prenderia meu infortunio ao de Maria do Brejo.

Depois os olhos desceram das aves:

— Você não casou, menina?

Ela olhou, superior:

— Nunca. Homem não presta.

Mordiscou-me por trás da orelha; que não doesse muito o veneno. Ah! nem sei como pude confundir do Brejo com a doce Carmem.

Destroquei de mulher, pois respeito a vaidade. Lucio poetara os braços, os dentes, os cabelos, tudo de Carmem. Ofereceu-lhe um ramo de flores da quaresma, chamando-a Princesa Campestre.

Retomei-a e me perdi em seus seios. Queixei do abandono em que me deixara. Contei-lhe que estava noivo, ia me casar. Noite passada vira no peito de Leonora, um medalhão com retrato, não era o meu. Um primo, que já morrera, lhe dera e por estimação usava. (Ia casar comigo porque o outro morrera).

Carmem apontou o homem — o do violão. Siqueira, o farmacêutico?

— Fui doida por êle, um rabixo do diabo... êle me deu morfina e experimentei...

Despeitado:

— E gosta ainda de Siqueira?

— Não. Gosto de morfina.

Os automóveis tinham acendido os faróis, a estrada era de luz.

— Leonora é diferente...

Tomou-me a mão e afagou-a, consoladora:

— Eu amo você por ela, esta noite. Ouviu?

Olhou para o meu rosto pouco visível nas sombras fortes, acrescentou:

— Pra você não pensar que é mentira, bebo até veneno com você, nêgo. Quer ver?

Dei-lhe de beber no meu copo e nos rimos muito. Buzinaram chamando. Ela me olhava nos olhos por cima da espuma de cerveja. Sorriu-me — os dentes eram bonitos.

— Vamos?

Levantou-se, alta, jovem, decidida, ficou diante de mim, braços abertos, solicita.

— Carmem, não vou. Fico para contar estrelas e ver a lua nascer no mato.

Uma boa alma; ficou comigo. Vimos muita coisa naquela noite e voltamos a pé, perseguindo vagalumes inocentes, no caminho solitário.

Foi também no quarto dela que amanheci, tomando aspirina e café amargo.

(Niterói).

O ANIMAL, QUE ME MATOU, FOI O TOGA SEM MANCHAS HOMEM

Elio Ballstaedt

Anibal Nunes Pires

Fiz-me pequeno. Pequeno quanto a imaginação do homem possa imaginar. Tornei-me o infinitamente pequeno dos grandes matemáticos. Virei pó, virei partícula, transformei-me em micróbio.

O mundo se me apresentava, então, infinitamente grande; eu tinha, porém, conservado todas as faculdades do homem normal.

Absurdo!

Não.

Eu pensava, eu compreendia, sentia, e ouvia e enxergava todas as coisas na sua grandeza relativa.

Eu transportei o mundo mediano para o mundo dos princípios, mundo em que os homens vulgares não podem penetrar. Nesse mundo maravilhoso, a velocidade média dos indivíduos era comparável a do pensamento daqueles que vivem na mediocridade apavorante, entre os dois infinitos. Com que facilidade se atravessava os corpos que os homens dizem sólidos! Conhecia todas as dimensões e compreendia bem a 4ª, a 5ª, a enésima dimensão; gritava e ensinava, lá daquele mundo, aos homens, porém a minha voz, os homens deste mundo não na ouviam... eles eram fortes demais para ouvir uma voz fraca demais...

De início, habitei a ponta de uma agulha. O cientista, com o microscópio mais possante, conseguia ver apenas as cordilheiras desse meu mundo que, aos meus olhos, eram tão grandes, tão desconhecidas quanto as Cordilheiras Andinas. Vivi numa laranja, num grão de areia, nas moléculas do ar, no cérebro dos homens. Tomei parte na "fabricação" dos seus pensamentos e como me era fácil compreendê-los. Como sabia vibrar para lhe dar conhecimento da espécie de idéia, da quantidade de seu pensamento! Cada um tinha a sua vibração especial: Os movimentos da alegria produziam o efeito igual ao de que olha a vida por um caleidoscópio.

Com a inveja, com o ódio, eu rodopiava, rodava, avançando rápida e indefinidamente, semelhando as rodas de uma locomotiva que sai de uma estação para outra em lugar indeterminado. As vibrações do tédio eram lentas, monótonas como o tic-tac dos relógios. As do orgulho eram solenes e impressionantes, as do amor tinham a graça dos minuets e a leveza de um ballet. Raras vezes tomei parte no ballet e nunca dançei o minueto...

Nunca mais senti a magia das cores na movimentação daquele caleidoscópio...

Compreendi, porém, que o meu mundo cerebral tinha evoluído e tinha tomado parte no ballet e acompanhado as caleidoscópicas vibrações quando aquele cérebro era de uma criança...

Aborrecido de viver na tediosa monotonia de um pêndulo de relógio, de viajar acelerada e indeterminadamente no vazio, de acompanhar solenemente enterros constantes, abandonei o cérebro do homem, sabendo que ele poderia conhecer os pensamentos e sentimentos dos semelhantes se conhecesse, como eu conheci, todas as espécies de vibrações.

Sai com medo...

Sai com medo para morrer.

Caí num átomo.

Caí num átomo e mataram-me.

Desintegraram-no...

E... o animal, que me matou, foi o homem.

Ele vinha dos rapazes, calças remendadas chapinhando nas poças d'água, modelando seus bonecos na lama vermelha da rua. Chegava ao quarto em sons estridentes, disformes, como chiado agudo de tortura medieval. Misturando-se com as palavras enfadonhas da renascença... vida de Leonardo, telas de Rafael... aumentava as labaredas do subterrâneo, chamadas subindo em requebros de dançarinas, impelindo levemente os dedos pelo corpo asetonado... Confusão que não deixava Maria Augusta decorar uma frase. As letras impressas grudadas aos olhos, sem ir mais além, diluídas na poeira de grandes guerreiros, o tropel martelando dentro do quarto, em gritos que vinham dos rapazes correndo na rua.

O corpo frouxamente na cama, desprende-se do livro percorrendo sem ver os retratos de Hollywood dependurados na parede, imagens cavalgando em símbolos por estradas magnéticas. Inútil continuar estudando! Sempre os grandes guerreiros, desfilavam Átila, Alexandre, lanças em riste subjugando donzelas, expulsando o capítulo da Renascença. Revira-se... na cama a adolescente Maria Augusta, o livro ao lado. "Nas provas só deveriam exigir capítulos de guerra, generais romanos, as togas brancas de lencóis acordados, manchadas de rubro.

Agora levanta-se enfastiada, algo no íntimo que não sabe explicar. Pela janela, a tarde imóvel esperando pela tempestade, a garotada sem labaredas no inconsciente correndo e gritando, o tenente descrevendo curvas na estrada para evitar as poças d'água. Tédio! Ânã não sabe de quê. Olha-se no espelho, a adolescência descrevendo novelas de fumaça, subindo dos pés tênues espirais do desejo que se demoram alimentando o crepitar do pensamento. Longas madeixas castanhas, desfeitas as tranças, espalhadas sobre os ombros, percorridas pelo pente em suave ondular de regato que desliza para a queda na cachoeira profunda.

Retorna a janela, os olhos debruçados no tenente que passa, a adolescente Maria Augusta. O céu de fuligem baixo, a tempestade perto. Transforma-se a monotonia em sucessão vertiginosa, temporal desabando, chamadas feroces comprimindo fortemente os seios virgens de encontro ao peitoral da janela... as idéias querendo fugir, acompanhar o uniforme verde que se afasta pela rua, sapatos enlameados deixando rastros no barro jovem, fazendo desaparecer ao seu peso cúpulas de igrejas e almas milenares.

Cavalgam sem freio os guerreiros pela planície, labaredas do subterrâneo apertando a jovem na janela, o uniforme verde entra pelos olhos rasgando caminho para o cérebro com suas garras de animais e selvagens, arrancando delírio das idéias, o paroxismo trepando pelas paredes, esbarrando no teto, já mais fugindo da consciência, rolando pelo chão, crescendo, crescendo, forçando portas e janelas fechadas, ecoando pelas campinas em louca agonia, crescendo, crescendo, por fim atingindo o auge, estatelando-se em longo extase no fundo da cachoeira, apagando as labaredas, e seguindo calmamente seu curso monótono, depois de afogar os grandes guerreiros.

Relaxa o corpo a adolescente Maria Augusta, o tenente desaparecido ao longe, e volta ao estudo da Renascença, agora sem tédio, satisfeita.



Cabeças, "Estudos" de Moacir Fernandes

ENCONTRO

Salim Miguel

— Olá!

Se virou, rápido, alguém lhe tocando familiarmente no ombro. Mirou com atenção. Sorriu, para o seu interlocutor, mas ainda sem o reconhecer. Forçou a mente, tornou a forçar, pensou, pensou e nada. Em todo caso alargou mais o sorriso e retrucou.

— Olá!

— Há quanto tempo?

— É.

Não queria dizer assim, duramente, que não estava reconhecendo a pessoa que lhe falava. Parecia ser tão íntimo, a mão no ombro, o sorriso de satisfação, o outro o tratava assim com um ar de confidente antigo, era impossível que não se conhecessem. Se conheciam, é claro. Mas de onde? Quando? Como?

Eis a incógnita que era preciso descobrir.

— Como vais?

— Vou bem. E tu?

Não escutou a resposta. Punha os olhos no rosto, minuciava todas as expressões fisionômicas, o gesto das mãos, o corpo, a maneira de vestir, percorria com olhos percrustadores todo o homem que ali estava, à frente dele a rir mansamente, remexia em todos os escaninhos do cérebro.

A voz, devo reconhecer a voz, será que eu me esquecerá assim tão facilmente desse sotaque, dessa pronúncia tão forte, desses "esses" tão arrastados! E a expressão desses olhos, a maneira como eles fixam a gente, parecem nos cobrir, nos atravessar.

Com certeza o outro já adivinhou o que ele pensa, o julga um idiota, ali parado com as mãos pendidas, esse ar abobalhado. Agora o outro retirou os olhos e os deixa percorrer pela praça em frente, pela catedral, o palácio, uma casa velha, ou então acompanhando-as pessoas que passam até vê-las desaparecer lá no fim da rua, longa.

— Estás há muito tempo aqui?

— Cheguei ontem.

"Cheguei ontem". As duas palavras ficam lhe martelando, pesando no cérebro, sem dar tempo a que ele pense em mais nada. "Cheguei ontem". Nem escuta o que o outro diz. Fala em não sei que sobre viagens, cansaço, incômodos... Que foi que ele disse agora?

— Não estás me reconhecendo, não é?

— O que?

— Estás me reconhecendo?

— É claro, como não! Diz muito depressa.

Por que mentiu? Que foi que me fez agir assim? (salta de uma idéia a outra aparentemente sem conexão). Será que o conheci na infância? Quem sabe se não é o Juca? Impossível mudança tamanha! Em todo caso... Talvez...

Lembro-me que o Juca não tinha esse ar, esse cabelo, esses olhos. Só, levemente, bem levemente, quase imperceptível, o rosto no todo. Outra coisa: O Juca era calado, tímido e cresceu assim, parece-me.

— Onde estás parado?

— Em casa de minha tia.

Talvez o Saul. Tem alguma coisa de Saul, é inegável. A mania de levar o dedo à aza do nariz, o sorriso dúbio. Saul, me recordo bem do dia em que brigamos. Sairamos do grupo...

Até hoje não sabe porque se atracaram. Na relva úmida, um pastinho perto da loja do seu Elias. Rolaram, se sujaram, se pisaram, o choro de ambos, limpar as lágrimas com a manga, o riso do bloco que o rodeava, livros rasgados. Três ou quatro dias depois já estavam "de bem".

— Vais ficar muito tempo?

— Estou a negócio. Conforme.

Os dois ficam ali parados. Se olhando. Em silêncio. Um silêncio constrangido. Não sabem o que dizer, pois não encontram nada digno de se dizer. Se miram e remiram.

Esses encontros depois de tantos anos são tão penosos! E quanto mais íntimo se havia sido, pior. Não se tem mais nada em comum, tudo parece tão falso, sem consistência, é um tatear que não tem fim, procura-se juntar fragmentos de lembranças, coisinhas que já esqueceramos ou que permanecem adormecidas no subconsciente, pra ser-se agradável. Como entrar porém na vida de agora se

o outro nada sabe de nós e nós nada sabemos dele? É preciso que se tenha tato, para não ferir, o medo de, em qualquer opinião formada, discordar do outro, dizer algo indevido, formular pensamentos que por qualquer circunstância o outro ou terá de rebater ou calar. Terão ainda as mesmas afinidades de antes, pensarão da mesma maneira? O modo de vida que levaram, os livros que leram, os pensamentos que pensaram, não os terá feito divergir, cada qual adquirir uma concepção própria, diferente, de acordo com a maneira de viver atual a respeito de tudo! E dos tempos passados de amizade, o que deve ser recordado e o que não deve?

A gente, nesses momentos, se põe a pensar, com estranheza

"De queé que falávamos horas e horas a fio, antes? O que nos prendia? será possível que tudo tenha de aparecer? A amizade que nos ligava, os sonhos, as recordações de infância, a juventude em comum nada são, de tudo isto nada terá sobrado? Voltaremos algum dia a camaradagem de antes?"

— Já casaste?

— Estás doido!

Quem sabe se na mocidade? Pode ser. Nos tempos de estudante se faz tantas amizades! Talvez. As vezes firmes mesmo. São os estudos, as farras, os namoros, as garotas, a descoberta, para nós, do mundo e seus encantos e seduções... Tudo isto nos prendendo aos outros, essa ansia de falar, de extravagar, de aparecer, e é quanto temos idéias geniais para tudo, idéias que julgamos serem só nossas, antes ninguém, "ninguém" grifamos com enfase pedantes, as tivera.

— Que fazes?

— Trabalhando de viajante para uma firma de São Paulo. E tu?

Não espera resposta. Ou não a escuta. Já está longe, tentando se lembrar, a cabeça ardendo, a ver se decifra o enigma. Será alguém que ele conheceu em suas viagens. Parece que não, tem certeza que não. Olha de novo para o outro. "Sente" que o conheceu intimamente. Não sabe se explicar como. Nem. E depois, sempre julgara que, ao rever um amigo, seriam as efusões, os abraços, as recordações íntimas, a alegria de ambos, tanta, tanta coisa para se contarem. De longe esperara essa como frieza, esse mal estar. Pois tudo não havia passado de um simples

— Olá!

— Olá!

O outro estava dizendo:

Lembras as nossas farras, as bebedeiras e serenatas, os bailes e mulheres, a vida alegre e despreocupada que levávamos? Como tudo então era diferente! Sabes que as vezes sinto saudades de tudo aquilo, tento fazer-me de novo criança e depois moço, me transportar para aquela vida, sentir através nem que seja por um momentinho só, a carícia mesmo daqueles maus momentos. Agora tudo me desagrada, me cansa, até o amor, tenho um desencanto enorme da vida, vejo que as coisas não eram em nada como nós as imaginávamos. Outras vezes acho que não. Penso que elas, as coisas, eram. Nós é que não somos o que imaginávamos; nós é que mudamos, nós é que fracasamos, não as coisas, não a vida. Sabes, tudo me causa náuseas, principalmente os homens. Já viste como lutam, correm e se esfalfam e mbusca de dinheiro e glória! Prá que, me podes dizer?

— Não!

— Mas deixemos disso. Estou te aborrecendo, vejo. Te lembras das brigas por causa das namoradas? Tens muitas namoradas?

— Não!

— Pois estranho. Sempre foste muito namorado.

(— Quem poderá ser que sabe tanto da minha vida?)

— Teus pais e teus irmãos, vão bem?

Lourdes já casou?

— Vão indo. Ainda não. E os teus?

(— Não pode ser um conhecido de ocasião, senão como poderia estar tão ao par da vida de minha família. O Pedro, por exemplo, não é. Nem o Augusto. O Lauro também não. Quem será?)

Como é possível, se é um amigo de infância que esteja tão jovem, enquanto estou tão acabado?

CONTÔRNO SÔBRE OS PASSOS DE IZABEL

Romance para ser desenvolvido

Antônio Paladino

Agora, lhe vem à mente, de embrulho, nem sabe quantas figuras de conhecidos e amigos. Parece-lhe que está diante de uma câmara cinematográfica por onde vão desfilar todos os fantasmas, do passado. Extranha. E é que ora surgem nitidamente, até nos mínimos detalhes; ora numa confusão enorme, envoltos por um esquecimento que a distância não justifica. Um tem a cabeça do outro. Os olhos deste deveriam pertencer àquele. A voz de João está em Pedro e a de Pedro em Samuel. A gargalhada cínica de Antenor, pertence ao tímido Juca. E é que figuras da infância se misturam e regra geral tem mais clareza, maior vigor e vida do que as figuras da atualidade, de ontem e hoje. No entanto, ele quer, ele precisa querer o contrário.

— Te lembras...

O outro agora fala. Parece que, afinal, conseguiu se livrar da inibição que a princípio o tolhia, e deixa-se levar pela recordação. E ri feliz, quando consegue lembrar um momento passado que, agora lhe parece ridículo. Mas no momento de realizá-lo, a tanto, tanto tempo, lhes parecerá sublime.

— te lembras...

Ele está frio, indiferente, esforça-se mas não consegue afinar com o outro (talvez não queira), êle é uma corda de violino por demais gasta e que não mais dá o tom.

— te lembras...

Na verdade, apesar de supor que não, se bem que não afinado com o outro, ele não está indiferente como julga. Simplesmente suas recordações divergem, tomam outro rumo ou, tem uma constante: saber quem é o outro).

— te lembras...

E a torrente de recordações jorra, arreventa os diques que a tolham, transborda, domina tudo, avoluma-se sempre mais. E no arrastão, vem, reflue tudo a tona, para logo voltar ao fundo. O outro fala, indiferente à indiferença dele, mais para si próprio, feliz com o recordar, e com poder libertar por um momento o passado, voltar ao passado, deixar a imaginação tecer os fios do que não volta mais, retroceder, esquecer o presente, êsse presente que tanto odeia, que só desilusões lhe deu.

— te lembras...

Ele sente raiva, é que percebeu a manobra do outro, é que não quer recordar, ao mesmo tempo que quer; quer avançar e retroceder, se embrulha todo, a cabeça não gira certo, não sabe explicar o que tem. Ele esquece o passado para fazer um futuro, e o outro vem acordá-lo, revivê-lo, falar de desencanto e dor, dos sonhos desteitos e mortos.

(Será por isto que não consegue se lembrar de quem é o outro? Talvez esteja aqui a solução do enigma. É uma defesa, pois ele sabe que reconhecendo o outro cairá no mesmo pessimismo e desencanto).

— te lembras...

E os dois ficam ali, parados. Ele ainda tentando ser indiferente. O outro rodeado de sombras, de fantasmas, de vultos comuns aos dois, mas que só um deles consegue ver.

As vezes julga que ele, e o outro são somente ele, como se o outro fôsse, não passasse de uma projecção dele surgida ali por não saber que artes. É a luta eterna travada entre o velho e o novo, não no campo físico mas no campo mental, cada qual tentando se impor, mostrar a certeza de seus conceitos e a confiança na sua vitória.

— te lembras...

As duas palavras ficam vibrando, vão se avolumando, crescem enormemente, e já agora é só o que ele consegue entender, sente uma angústia, um desespero enorme, tenta destruir o outro, mas com dor, como quem vai se destruir a si mesmo, pois em verdade ele destruindo o outro vai destruir a si mesmo; talvez, quem sabe, a melhor parte de si mesmo. Porém, é preciso, nada de sentimentalismos.

Ansia de fugir, de correr dali, de perder-se, de cobrir os ouvidos, ou melhor a mente, de morrer e ressuscitar novo, lavado de tudo, puro, inocente para começar, de gritar ao outro até somente escutar o som da própria voz dominando o mundo inteiro.

— Vai-te! Não me lembro. Não quero me lembrar. Não me tentes.

— te lembras...

— Não me lembro... Não me lembro... Não me lembro.

Meu irmão chegou e foi logo dizendo:

"Ainda não soubeste, mano. Izabel casou na quarta-feira..."

Que me importava, ora. A gente tem de casar um dia... quarta-feira casou Izabel, amanhã casará Luiza, eu, os primos, as primas... Não fazia mal, não. E puz-me a pensar silencioso, sorumbático, um lápis na mão, papel... Compunha uma poesia: "Olhando para as vidas em fuga". Reli os últimos versos rabiscados:

"Ó sede invencível

De recuperação

Que não se abrande nunca

E nunca evitamos...

Nesse instante, a voz de meu irmão, novamente:

"Então, mano... não te lembras de que já foste namorado dela?"

Inquieto, perturbado, encarei seu rosto sardento que me olhava aberto num sorriso:

"Então? Não te lembras mais?"

Não me lembrava, mesmo. Quanto tempo poderia fazer isto? Já se passaram muitos dias, muita coisa aconteceu de lá até cá, muitas contrariedades, muitas desilusões... Deveria fazer uns dez ou doze anos, talvez mais...

"Então, mano, te lembras ou não?"

— Parece, não tenho muita certeza...

Sempre aquela indecisão, aquela incerteza atranhando todas as minhas afirmações. Nunca tinha muita confiança nas coisas que pensava. Muitas vezes uma opinião alheia, embora errada e contrária à minha, mas dita com mais convicção, servia para abalar os fundamentos da que até então eu tinha como profundamente certa.

"Pois então, mano, foi há dez anos passados, no dia do meu aniversário. Te lembras daquela brincadeira de maçã-para-uva? Quem dizia uva, recebia, sempre, um beijo da menina que perguntava..."

— Me lembro, Izabel me deu três beijos...

Depois, silêncio. Tornei a olhar ensimesmado para a folha de papel que trazia os primeiros versos do poema. Baixei o lápis sobre êle e perdi-me num mundo de á-uses e demônios. Meu irmão quieto, olhava cismático para mim. Foi em vão que tentei achar novos versos.

Então Izabel estava casada?! Aquela rapariga bonita que eu beijara muitas vezes! Seu narizinho arrebitado, suas coxas carnudas, seus seios durinhos, tudo de outro homem. Veio, então, uma lassidão, uma saudade, que me foi penetrando aos poucos, de mansinho, até tomar meu corpo todo. Izabel entrava e saía de dentro de mim e aqueles versos da minha poesia que ainda há pouco estavam latentes no meu espírito, mergulhavam fundo no meu inconsciente e já não podiam mais ser retirados de lá. Atreime, então, nostálgico, sobre a cama, as idéias rolando, o rosto hermético como que prenunciando uma pior e mais prolongada crise de alheamento. Meu irmão veio e perguntou:

"Queres alguma coisa, mano? Que é que tens?"

Fiz que não ouvia. Meu irmão insistiu:

"Fala, mano".

Continué fazendo que não ouvia; tinha raiva do meu irmão, da bondade do meu irmão, da saúde do meu irmão.

"Sentes alguma dor?"

Experimentei, então, uma vontade doida de gritar, de brigar, matar.

"Anda, mano desembuxa logo".

Olhei firme para êle:

Não tenho nada... é o calor...

Izabel então, assustou-se e foi em vão que procurei retê-la perto de mim.

FRAGMENTOS DE EUSTACE BARNACK

(O tempo deve parar — Aldous Huxley)

Eustace Barnack depois de acordar da morte, no outro lado do ladrilho frio em que tombara, impregnou-se pouco a pouco no conhecimento, diluiu-se no conhecimento e na luz e teve, afinal, consciência de tudo, inclusive de si.

Huxley não lhe negou nada, nem o tédio imenso e a angústia de se ver obrigado à participação na luz que cresce eternamente. E não lhe negou também a confirmação do seu pensamento e da sua visão da primeira vida, da vida que ele sempre procurara compreender e viver através da impudência essencial.

Com o acréscimo sucessivo de pedaços de memória, desde a lembrança longínqua do menino que temia as sanguessugas até o velho balofo que tombara estirado no ladrilho do banheiro, o tio Eustace foi se reconstituindo, adquiriu novamente o passado e, de um salto, viu que estava certo desde o princípio: era mesmo com ele pensava, sobre os homens. Embora assim, não pode, ou não quis (parece que não pode), coar os seus pensamentos através do filtro imbecil que a Rainha Mãe lhe arranjou para a comunicação.

Apezar dessa impossibilidade de se revelar novamente ao mundo, bem podemos imaginar o que o sábio Eustace Barnack teria dito, com algum proveito para os homens que lhe ficaram atrás:

— “Deixem a humanidade sossegada” começaria ele. “Cada salvador da humanidade realmente importante causou mais angústias e mortes do que era de esperar. Criem juízo!”

— “Vocês não vêm? Desde que se lançaram na aventura do pensamento os homens têm diante de si algumas perguntas eternas que eles mesmos inventaram e às quais não desistiram de responder, orientando suas preocupações e suas vidas para coisas mais simples, que os façam menos infelizes. Já deram mil respostas; a cada uma delas aderiu um exército de crentes que imediatamente se pôs em luta contra todos os outros e de cada solução conseguida por essas lutas outras tantas nasceram.

Vocês morrem para provar que a resposta de vocês está certa. Já se perguntaram para que lhes servirá fazer esta prova? Vocês não se convencem nunca que as verdades de vocês existem porque vocês existem e que é crime estarem a se excluir e se matar uns aos outros por causa delas?”

Satisfeito, Eustace Barnack chupou uma baforada no mamilo marron do charuto e deu-se novamente à comunicação:

— “Nunca houve uma assembléia geral da humanidade para nomear os seus salvadores. Não é, pois, democrático arvorar-se em tal e começar a matança sagrada! Si continuarem a querer salvar com tanta insistência, os pessimistas terão saudades do tempo das cavernas, quando a gente afinal, não era ameaçado a cada momento da existência por alguém que quizesse nos salvar. E terão razão, porque as bandeiras e os emblemas dos donos das verdades estão tristemente fincadas sobre as ossadas dos que morreram pela eternização dessas verdades”.

— “As vezes as respostas ofuscam tanto e agradam tão maciamente que uma pequena minoria de seus aderentes de fato acredita nelas com calma e segurança. Já viram com que calma e com que segurança certos homens se identificam com um símbolo qualquer? Pois bem. Quando estiverem êsses eleitos extasiados na contemplação da verdade de sua resposta, usem o ultraje: façam-lhe cócegas nos pés, ou coisa semelhante, e verão como se acordam nem que seja por um segundo”.

A Rainha Mãe gozou: imaginou-se fazendo cócegas nos pés de John, o homem que morria pela causa pensando viver por ela.

Mas foi um riso seco e curto, porque Eustace estava terrivelmente falador:

— “Você mesma, Rainha Mãe, me perguntará porque estou falando tanto em pessoas que morrem pelas verdades cuja defesa assumiram. De fato, poucos milhões vão realmente ao túmulo, em cada década, conscientes de que o fazem para resolver o problema eterno. Mas eu não me refiro só a esta espécie de morte.

Você sabe que não é só no túmulo que se morre, mas também dentro da vida, fugindo da vida, escondendo-se dela. Há os que vivem de graça: os que pagam toda a existência em troca de alguma coisa que não resiste à imprudência essencial, coisa em que, quasi sempre, não conseguem acreditar perfeitamente quando estão sôzinhas. Isto não é vida: é uma desistência de ser, uma modalidade de morte”.

A Rainha-Mãe, pela primeira vez, começou a compreender levemente o profundo senso humano que tio Eustace possuía para viver. Já sabia, pelo menos, porque Eustace Barnack fora sempre ele mesmo e sempre gostara tanto da vida. Mas...

— “E também lhe explico porque fazem isso: para viver. Só que complicam tanto as coisas, tecem tão emaranhadas doutrinas e procuram tanto sentido para os sessenta anos, que se perdem no meio do caminho e abandonam o único sentido da vida: viver.

Às vezes nem procuram nada: já são destinados pelos antecessores a uma determinada forma de não viver e não descobrem nem que há outras modalidades paralelas. No meio de tanta moral, com requintes de filigrana, mas nunca transportada da frase para a vida, é difícil e só os corajosos conseguem humildade bastante para não querer tudo: para se resumirem a viver e deixar viver, que é o mínimo e o máximo de...”

Só a Rainha-Mãe estava atenta. Os outros até cochilavam e uma voz metálica arriscou dizer que Eustace estava se burlando de todos e que nenhuma de suas palavras tinha o mínimo sentido: era Mr. Tendring, o conspícuo inventariante, cujo sentido da vida residia em ser perfeito no ofício.

Barnack não resistiu: era demais.

“Até logo, pessoal, até logo...”

A voz sumiu na despedida. E o tio Eustace, descrevendo uma espiral repentina, diluiu-se no ponto mais brilhante da luz que tanto tédio estava lhe causando eternamente.

Ele tinha saudade do corpo balofo e gasto que jazia amontoado sobre o ladrilho frio. O corpo lhe fora sempre sincero e sempre digno e belo, apesar das banhas e da miocardite... e era uma garantia de vida.

Perdão, tio Eustace, si também tomas um filtro imbecil para o seu belo e gratuito pensamento.

Hamilton Ferreira



Marques Rebelo

Nisso aparece em cabelo
O novelista Rebelo
Que é Días da Cruz também
Mais uma voz para o côro
E foi um tremendo chôro:
— Ê vem os do Norte! Ê vem!

Manuel Bandeira

HOMENAGEM

— DE —

“SUL”

DR. JORGE LACERDA



Dr. Jorge Lacerda

Os que leem e se interessam pelo movimento cultural do Brasil, não podem esquecer os suplementos literários, que mais do que qualquer outro gênero, se infiltram entre o povo. Já por vir juntamente com o jornal, já pela facilidade na sua aquisição. É por isto que, em boa hora, estão proliferando os suplementos no Brasil. Já nos Estados, acompanhando o surto de revistas novas, muitos jornais, ultimamente, vêm adotando a idéia.

Dentre os inúmeros suplementos do Rio, é de justiça destacar "Letras e Artes" de "A Manhã", dirigido por Jorge Lacerda. Trazendo noticiário variado, crônicas, artigos, contos, poemas, etc. "Letras e Artes" já se tornou muito justamente aliás, lido e apreciado em todo o país.

Pois foi esse mesmo Dr. Jorge Lacerda que nos deu o prazer de sua visita. Veio êle, como representante do Sr. Ministro da Justiça, ao 1º Congresso de História Catarinense. E foi assim que tivemos a oportunidade de travar conhecimento com o jornalista Jorge Lacerda, que por sinal também é catarinense.

Nesta nota queremos consignar ainda os nossos agradecimentos por tudo que o Dr. Jorge Lacerda tem feito pela Revista Sul, através de suas notas em Letras e Artes. Por tudo isto aqui deixamos o nosso muito obrigado que tem a simplicidade das coisas sinceras.



Paisagem de Iedda Navarro

RECEBEMOS E AGRADECEMOS

REVISTAS

CICLO — Revista bimestral de arte, literatura e pensamentos modernos. Ano I n.º 1, Buenos Aires — Argentina. Desta ótima revista destacamos: Trópico de Capricórnio por Henry Miller; Ubicacion del Arte concreto de Ernesto N. Rogers; Jacques Herold por André Bréton; Surrealismo y surrealistas em 1948 por Elias Piterbay; Wollgong Paalen por Aldo Pellegrini e outros artigos.

JOAQUIM — Ano III n.º 21 — Curitiba. Direção de Dalton Trevisan. Contém: depoimento de Adalmir da Cunha Miranda; poesias de Sossigenes Costa, e mais colaborações de Armando R. Pinho, Wilson Martins, Edson Régis, Aderbal Jurema, Lenine Pinto e um trecho de Dalton Trevisan. Ilustrações de Heitor dos Prazeres (capa), Poty, Yllen Kerr, R. Katz.

LETRAS PERNAMBUCANAS — Ano I n.º 1 — Recife — Pernambuco. Direção de Ivonildo de Sousa, é outra revista que nos vem de Recife, que nestes últimos tempos tem nos dado boas revistas de novos.

A PENA — Órgão literário do grêmio Machado de Assis — Campo Grande — Mato Grosso.

CRITÉRIO — Ano I n.º 1 — Pôrto Alegre — Revista popular de atualidades. Diretor Orlando Franz.

ARTES PLÁSTICAS — Ano I n.º 2 — Órgão dos artistas plásticos de São Paulo. Direção de Ciro Mendes. Neste número destacamos, além de notas e informações, um artigo sobre o pintor Norte-Americano Calder, de Flávio Mota.

PRESENÇA — Ano I n.º 1 — Recife — Pernambuco — Direção de Barros Lima, Silvino Lopes, Maurílio Bruno, Permínio Asfora. Contém ilustrações de Cândido Portinari e Percy Lau, além de interessantes trabalhos em prosa e verso.

RESENHA LITERÁRIA — Ano I n.º 1 — Recife, Pernambuco — Direção de Permínio Asfora, Alfio Ponzi e Maurílio Bruno.

RELATÓRIO DA CASA DO ESTUDANTE DO BRASIL do ano de 1947 enviado pelo secretário do C. E. B.

ESFÉRA — Ano n.º 18 — Rio — Direção de Sílvia de Leon Charleo — Capa de Santa Rosa — ilustrações de Q. Campofiorito, Poty, Aldo Bonadei, Reunla Katz, Oscar Meira. Colaborações de Jorge Amado, Fran Martins, Origenes Lessa e outros.

GAZETA de LIMEIRA — Orientação de J. Souza Ferraz. Toda a coleção do Suplemento literário desta Gazeta, relativo ao ano de 1947.

ARTE JOVEM — Ano I n.º 2 — Direção de Oscar Medeiros. Neste número: Livia um conto de Lima Barreto, poesia de Waldir Borba, artes plásticas de Aguinaldo Pereira e páginas do diário de Katherine Mansfield. Ilustrações de Elsy Guimarães e Agui.

NOVO MUNDO — Ano III n.ºs. 29, 30 e 31 — Guairatinga — Mato Grosso.

ATUALIDADES — de Florianópolis — Direção de I. J. Kuehne, número especial dedicado ao 1º Congresso de História Catarinense.

KRITERION — Ano II n.º 4 — Revista da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais.

CRONOS — Rio — Ano I n.º 1 — Revista bimestral de cultura, direção de Adriano Kury com colaborações de Célio Lyra, L. R. de Almeida, M. C. Pinheiro Guimarães, Pedro L. Masi. Mais uma boa revista dos nossos e, que se propõe a congregar os diretores e colaboradores das revistas de novos, em congresso no Rio.

CLÁ — Ano I n.º 5 — Fortaleza, Ceará — Direção de Fran Martins — Neste número com xilogravuras de Barbosa Leite e um esboço de História da Literatura Brasileira de Mozart Soriano Aderaldo, além de trabalhos de Fran Martins, Moreira Campos, Raymundo Souza Dantas, Braga Montenegro, Souza Lima, Joaquim Alves, Bandeira Tribuzi, Djacir Menezes, Newton Gonçalves, Olavo Sampaio, Ledo Ivo, Fernando Ferreira de Loanda e José Sarney da Costa.

NORDESTE — Ano III n.º 5 — Recife, Pernambuco — Direção de Esmaragdo Marroquim — número dedicado ao primeiro salão de poesia de Recife com poemas dos respectivos expositores. Traz um bom artigo de Luis Delgado, contos de Antônio Franca e Carlos Alberto Matheos de Lima. Artigos de Fernando Mota, Hélio Galvão, Francisco Julião e Aderbal Jurema. Ilustrações de Ladjane, Eros Gonçalves e Manuel Bandeira.

EDIÇÕES "SUL"

Que as revistas em geral, especialmente as revistas de novos, lutam com dificuldades quase intransponíveis, não é novidade para ninguém. Novidade é que elas sobrevivam — quando sobrevivem. Mais novidade e espanto ainda é quando uma dessas revistas se propõe a lançar edições, neste Brasil de hoje, onde até os livreiros editores estão pedindo ajuda de diversas maneiras.

Apesar disto, várias são já as revistas de novos que tem lançado suas edições apresentando seus colaboradores. Podemos citar "JOAQUIM" que apresentou "Sete anos de pastor", contos de Dalton Trevisan; "CLÁ" com "Mar Oceano" contos de Fran Martins; "ORFEU" com "O tunel" poemas de Afonso Feliz de Souza. Outras revistas como "REGLÃO", "QUIXOTE" "REVISTA BRANCA" etc. já tem as suas edições anunciadas.

"SUL" também programou para 1949 suas edições. Talvez não chegue a concretizar mais este sonho. Porém... quem sabe? Boa vontade, garantimos, não falta. A questão é que com boa vontade, os livros não são editados. O "vil metal" é que os edita. E a verdade verdadeira é que o "vil Metal" não quer saber nada conosco.

De qualquer forma, porém, aí ficam os três volumes já programados. São eles: ANTOLOGIA POÉTICA DOS NOVOS DE SANTA CATARINA com poemas de Eglê Malheiros, Anibal Nunes Pires, Walmor Cardoso da Silva e outros; ENCONTRO — um volume de contos da autoria de Salim Miguel; TEATRO — peças em um ato de Ody Fraga e Silva.

"LOVERS MEETING" por MOLLIE PAXTON

Mollie Paxton nasceu em Sydney, Australia. Trabalhou por seis anos no Sydney Technical College. Em 1939, casou-se com o artista Briard Midlare e veio para a Inglaterra em 1947.

A pintura de Mollie Paxton de que "Lovers Meeting" é um exemplo, tem uma estranha e hierática solenidade oriental.

REVISTA BRANCA — Ano I n.º 4 — Direção de Saldanha Coelho — Rio — Número dedicado a Proust. Ilustrações de Santa Rosa, Yllen Kerr e Orval. Trabalhos de Paul Morand (trad. Carlos Drummond de Andrade). Tristão de Ahyade, Octacílio Alecrim, Jayme Adour da Câmara, Eustáquio Duarte, Augusto Meyer, Samuel Mac Dowell Filho, Opiniões de Graça Aranha, Jorge de Lima, Ronald de Carvalho, Álvaro Lins, Ruy Coelho, e Lúcia Miguel Pereira, José Lins do Regpo e uma entrevista de Mário Quintana o tradutor de Proust. A homenagem dos novos que consta de trabalhos de Saldanha Coelho, Rocha Filho, Bráulio do Nascimento, Haroldo Bruno, Raymundo Souza Dantas e Da Costa e Silva Filho.

LIVROS

RETRATO DA ARTE MODERNA NO BRASIL de Lourival Gomes Machado, coleção do Departamento de Cultura de São Paulo; Volume XXXIII — 1948.

SINTESE HISTÓRICO LITERÁRIA DAS LETRAS GERMÂNICAS — de Frei Mansueto Kohnen O. F. M. — Cia Melhoramentos de São Paulo — 1948.

PERFIS DE ALGUNS CATARINENSES ILUSTRES — Vol. I — de Zedar Perfeito da Silva. Edição do Autor — 1948 — enviado pelo mesmo.

SOUS LE CHARME poemas de Georgina Mongruel bllotéca Neo-Pitagóricas — Curitiba 1947. — Enviado pela autora.

POEMAS — de Cyro Pimentel. Edição do Clube de Poesia de São Paulo — 1948. Enviado pelo autor.

JURUAPARI — narrativas de Francisco Brasileiro — Edição da Livraria Martins — 1948 — Enviado pelo autor.

COMENTÁRIOS

UM POETA DRAMÁTICO

AUREO Nonato deu-nos para ler "Sul", revista do círculo de arte moderna, dirigida pelo Sr. Aníbal Nunes Pires, e editada em Florianópolis, Santa Catarina. Recomendou-nos, especialmente, "Um homem sem paisagem", peça em um ato de Ody F. e S. Trata-se de um trabalho já representado em 1947, no Teatro de Camera do C. A. M. Com duas personagens apenas, num diálogo ininterrupto, a ação vive de uma simples idéia filosófica de abandono e integração do ser no meio ambiente. Bem escrita e com algum equilíbrio de técnica teatral, convindo evitar nos diálogos o propósito da interrogação a fim de que a conversação possa parecer mais fluente e adquira mais naturalidade, "Um homem sem paisagem" é pura de preconceitos e sugestiva na concepção de vida, como o são os seres e as coisas livres. Vejamos, por exemplo, este trecho em que Martell diz para Moça Bonita: "Viver" como principal móvel de uma existência, é uma bela filosofia. Mas por que não o faz realmente? Ser pura quando tiver vontade. Entregar-se ao primeiro homem que encontrar, quando isso lhe aprouver. O maior crime que praticamos contra nós mesmos é a simulação. Suportamos uma obra quando temos vontade de ouvir samba. Aturamos uma conferência sobre moral e religião com vontade de dizer palavras. Não! Não pode ser assim. Temos necessidade de viver, mas devemos fazê-lo sinceramente. Sem artifícios, sem matarmos nosso eu para formar côro com a paisagem em que vivemos, pecando todo o princípio móvel do ser. E quando, desiludido e desesperançado, volta Martell: "Não, não mais é possível. Perdi toda e perspectiva. Não saberei viver fora desta gaiola. Estou preso, Acorrentado. Aqui não mais tenho paisagem. E a esperança de encontrá-la é o motivo de minha vida e no dia em que a encontrar morrerei, pois terminará aí minha razão de ser". Depois de uma pausa de angustia, triste angustia, fim de qualquer ilusão animadora, acrescenta: "Vá. Vá depressa enquanto é tempo e volte um dia destes. Eu estarei sempre aqui, sem paisagem..." Moça Bonita parte e com ela

lidades apreciáveis de poeta dramático. Não resta dúvida que o Sr. Ody F. e S. possui qualidades apreciáveis de poeta dramático.

Aldo Calvet



Lover's Meeting por Mollie Paxton

Da Folha Carioca — Rio — 9-10-48.

SETE ANOS DE PASTOR

Dalton Trevisan e os do Bloco Flamboyant de T. C. Jamundá.

O conto a que Dalton Trevisan chamou "Sete anos de pastor" é daqueles que o literato domingueiro diz que tem filosofia.

Tremenda esta dúvida que me abala a convicção de alfabetizado — o ainda não ter encontrado filosofia perdida em conto ou mesmo, na poesia do mestre Tobias Barreto.

Não sei o que é filosofia no romance, no conto, na crônica ou no verso e, não desconheço que existe Huxley, o descobridor de que, "Também o cisne morre"; G. K. Chesterton, Charles Morgan, Roger Martin Du Gard e outros da constelação do infinito intelectual. Grandes e indestrutíveis como o belo imortal da criação humana, porém, não fazendo ensaios filosóficos.

"Sete anos de pastor" o conto de Dalton, é a identificação do poder do contista; nele fica descoberto o modo Dalton Trevisan de interpretar bonecos de carne e osso recortados das águas-fortes riscadas pela vida.

Acho em tudo que Dalton escreve aquele método do fotógrafo e criador de "Cidadão Kane". A silhueta para o novelista de "Sonata ao Luar", é preocupação máxima. Ele prefere encontrar os braços de Venus pendurados no arame de estender roupas... — Realmente, qual a novidade em encontrá-los no Louvre?

Encontram-se inimigos do estilo "flamboyant", entre eles nos contemporâneos, estão Breno Acioli, Fernando Ferreira de Loanda, Lêdo Ivo, e outros de "Joaquim",

"Sul" e "Orfeu", mas, Dalton Trevisan é tremendo inimigo da oleogravura literária, domingueira, característica do flamboyantismo.

No seu último livro de contos que recebeu o nome de "Sete anos de pastor", Dalton inseriu outro conto dos seus melhores, "Terra" é o nome. Quando um dia forem estudar este contista já identificado com todas as credenciais de um escritor feito, não poderão dispensar a leitura de "Sete anos de Pastor" e "Terra"; e quem fizer a antologia dos contos desse pessoal que continua a linha ascensional traçada por Graça Aranha, terá de incluir o contista que não vê pinheiro como taça cheia de luz.

Esse diabólico Orson Wells que Dalton conduz no íntimo canivetoando "Eucaris a de olhos doces" (quem quiser entender leia o conto...) com projetores de muitos "W" dá a Dalton um certo que valorizado. A indiferença por olhos, por lábios, corpos academizados em liras e sexo, torna Dalton Trevisan contista de recursos não populares e muito senhor da técnica do seu conto; a incompreensão normal sobre Dalton, é a carga dos apologistas de oleogravuras literárias. A estática que o contista de "Flausi — Flausi" encontra é a soma dos imoralistas com os do "Meu Album", onde a tinta do verso açucar de baunilha e das frases dos galãs dos dramalhões rescendem a malva-rosa e nafitalina; a incompreensão não diferente daquela que encontraram Theodore Dreiser, John Steinbeck mais algo do que condenou "Fruta Estranha de Lilian Smith.

Prefiro compreender que imoralidade e falta de arte, é a revelação de intolerância e do puritanismo em bom papel, tipo dez, formato grande com ilustrações de caramelo e roseo.

NOTÍCIAS

Fevereiro começou a se derreter sob o calor, numa moleza arrastada que nada promete.

Entretanto é preciso procurar algum movimento irreverente, alheio à ordem de estagnação imposta pela natureza. Alguma coisa que esteja se processando por trás e apesar da "caça diária da comida sobre o asfalto fervendo" e mais claro do que o saco de gatos da política nacional. Alguma coisa antes do frenesi do carnaval que virá terminar o mês e o calor.

Escreve-me um amigo: "Fazer? Só nada". Ele mesmo, e todos, desrespeitam essa norma indiana, e fazem. É isto que procuro encontrar.

MUSEU

Fazem, por exemplo, o Museu de Arte Moderna que lá está, no alto do Banco Boa Vista, coerente com o belo edifício de Oscar Niemeyer. Museu não é casa de coisas velhas, é casa de coisas boas. E ele é, de fato, um museu de arte nova, belo, claro, apontando para a frente e fixando ao mesmo tempo, no seu dinamismo, toda essa época de efervescência artística. Colecionadores de obras de arte juntaram-se aos organizadores do Museu de Arte Moderna, e juntos conseguiram-no. Todas as pessoas deviam passar um telegrama de parabéns.

O MONUMENTO VENCEU

No pátio do Ministério de Educação, o Monumento da Juventude que Bruno Giorgi deixou exposto à indiferença de muitos, lá está, vitorioso.

O artista continua lutando, dentro de si, e no aperfeiçoamento de suas soluções e, por isso, é sempre quasi inatingável. O monumento, contudo, esperou parado a compreensão. E o tempo realizou sua colaboração inexorável. Hoje, a maioria dos que passam já admira a juventude do Monumento.

Ele constitui um bom símbolo em que procurem confiança — si faltar — todos os que trabalham e sabem o que estão fazendo.

AS "EDIÇÕES SUL"

Neste ano, depois de um ano, o grupo desta Revista começará o lançamento das "Edições Sul", já estando prontos alguns trabalhos. Precisa é que alguém ajude porque as Edições não saem de graça. Si o auxílio que ultimamente temos recebido aumentar, pela primeira vez, uma geração catarinense terá oportunidade de se iniciar em vários setores das letras brasileiras. E isto só pode ser bom para todos.

CARPEAUX VAI COLABORAR EM "SUL"

Otto Maria Carpeaux "que leu a ficção de ponta a ponta", diante de várias testemunhas, inclusive a chuva prometeu colaborar em "SUL", assim que estiver um pouco aliviado de seus afazeres. Tomamos nota, imediatamente.

"MEU FILHO PROFESSOR"

Passou um filme bom, com Aldo Fabrizzi, que é, neste também, o mesmo homem que existe, como em "Viver em Paz".

Um porteiro de escola que fez o filho professor para se vingar da sorte má, e ser ele no filho. Fez isso sem saber, porque era homem bom. Tão bom que a garotada gostava dele e o tratava por igual e os professores o mandavam comprar cigarros e lhe davam gorjetas, na frente do filho professor. O filho também era bom e honesto, mas não couberam os dois na mesma escola e o porteiro foi visitar uma irmã muito velha que morava longe. Disse que era visita curta mas levou os velhos retratos do seu quarto e também a caixa antiga onde guardava as lembranças do guri. Só isto, mas tudo isto.

JOÃO PEREGRINO

Safu em 1948, com pequena tiragem, o caderno de poesias de João Peregrino, intitulado "Insula". Está, agora, o autor, dando nova feição às poesias que sairão refundidas ainda este ano.

Nessas condições, não sei si João Peregrino gostará que transcreva alguma coisa aqui. Mas arrisco:

"Diálogo da Espera"

— Eu vi onde o céu e a terra se confundem
o verde e o azul se aproximando;
no limite frágil que se dilui,
a linha transfinita superada
noutras linhas menos particulares

— O que estaria além do encontro azul?
Novo horizonte menos frio de luzes?
A pura forma que buscas rudemente,
nas turvas sombras moventes do espírito?
Ou o zéro absoluto, vasio completo?

— Amigo, não façamos as perguntas,
Que não podem ter resposta já, agora
Enquanto não viajamos todo o rio,
que vai desaguar no lado de lá,
num grande mar, talvez num sumidouro.

— Ó irmão, eu quasi passei a linha,
mas a cegueira da hora suprema
apenas me permitiu ver ausência,
escura ausência de coisas concretas,
de frases, duras idéias faladas.

— Então era muito cedo, sem fadiga;
cumpria voltar ao meio do caminho,
remover pedras, esperar a tarde,
tomando, por vezes um copo de vinho
e, depois, todo um barril de amor!

Rio, fevereiro, 1949.

Hamilton V. Ferreira

R. Pedro Américo, 65 - Rio

P O E M A

MALHEIROS JR.

Calor infernal, sufocante, que tira toda a disposição, todo o estímulo da gente.

Estou cansado, muito cansado, cansado de tudo, principalmente do emprêgo. Apesar do cansaço sendo o dever de fazer um poema.

— «Nas noites frescas de luz...».

Não, não é possível sair desta noite de lua! Será que não tenho capacidade para qualquer coisa menos pueril?...

Decido-me: — Farei um poema que será minha obra prima, nada de água com açúcar, inofensiva, mesmo aos mais fracos com que se delicia o obeso e obtuso diretor! Farei o que bem entender, não ligarei ao tal «espírito do jornal»!

« — O canto da terra
banhada de luz
soprada por ventos...

(Ventos... sim, ventos, bondosos uns, sádicos outros, na maioria).

« — semeada por mãos
cansadas
calejadas
do cabo da enxada
da rédea do carro...

(Mãos, mãos... montanhas da dor humana, da torturada carne, batida, maltratada pela incompreensão dos instrumentos e da terra...).

« — O canto da terra
fertilizada
pelo sorriso
doce
das virgens
semeando...

(Sorriso, doce, virgens... não, uma vez me contaram, mas não liguei, depois eu vi... mulheres tristes: camponesas semeando, lavrando, fazendo os filhos esperarem pela comida, geralmente o inexistente leite materno...

Monumentos do padecimento e da ruína: Mães...

Vi, um garoto, novo, de quatro a seis anos, que me pareceu grotescamente um dos meus brinquedos infantil: o boi de mamão... uma imensa barriga sobre caniços à guisa de pernas...

E ainda se pode pensar em virgens sorrindo... nunca que se viria virgens sorrindo enquanto semeiam a terra árida, ingrata...

Na terra, onde as virgens, mesmo antes de defloradas, já são velhas, acabadas, anuladas pelos desmandos da natureza sempre hostil...

Trocarei a última parte...

« — O canto da terra
fertilizada
pela lágrima
da camponesa
chorando a seca
chorando a chuva
a perda do filho
a morte do gado...

« — O canto da terra
é o gemido
lento
de t das
as dores
que a terra
já viu.

Pintura contemporânea

Santa Catarina na Exposição de Belo Horizonte

A exemplo do que fez aqui em Florianópolis, Porto Alegre, Salvador e outras capitais, realizou o escritor e divulgador de artes plásticas sr. Marque Rebello uma exposição de pintura contemporânea, no Instituto de Educação de Belo Horizonte, convidado que foi pelo governo estadual.

Nesta mostra de Minas Gerais, como contribuição infantil, foram expostos 12 trabalhos, sendo oito destes trabalhos, de jovens catarinenses.

Foi a seguinte a contribuição infantil de Santa Catarina para o Brasil:

RODRIGO ANTÔNIO PALMA DE HARO — 9 anos
70 — «A crucificação» aquarela (32 x 23).

JOSÉ NOBERTO DACHS — 6 anos
71 — «Rua» desenho (32 x 11).

LEA MARLENE DEL PRA NETO — 7 anos
72 — «Desenho» a cores (21 x 34).

ELZA ALAIDE PEREIRA — 11 anos
73 — «Paisagem» desenho (30 x 23).

MÁRCIA MARIA CORDOBA — 8 anos
74 — «Bichos» desenhos a cores (21 x 24).

NORMA VALMÓRBIDA — 9 anos
75 — «A casa» desenho a cores (22 x 12).

ZILÁ SCHMIDEN — 7 anos
76 — «A casa» desenho a cores (21 x 13).

STELA MARIA DE SOUZA — 7 anos
77 — «A menina» desenho a cores (18 x 23).

A. C. N.

Interessante—mudou-me o pensamento—estou agora pensando em Laura: Laura é minha vizinha, julgo que sempre o foi, porém somente agora é que a notei...

E assim fiquei pensando, sonolento, com o poema pronto repousando ao lado...

A imagem de Laura, leva-me à janela...

Vejo a vida passar pequenina lá em baixo, passar nos vendedores de jornal, nos gritinhos histéricos dos carros desviando de pedestres, de todos os tipos, uma multidão complexa de homens e mulheres, que já trabalharam ou vão trabalhar.

Vejo a alegria passar com todas as sobras de vida deixadas pelo dia que se recolhe...

Durmo. E em sonho Laura me acena com um jornal, que anuncia em manchete o apatecimento da maior obra literária do século: o meu «canto da terra».

O grande número de jornais que Laura distribui dá-me a impressão de uma enorme popularidade... Tãmanha era a minha celebridade que me fez acordar angustiado...

•••

No jornal, naturalmente o diretor não gostou, e, como sempre acontece, achou pretexto para despedirme... Estava me tornando anarquista... saí triste.

Já na rua fui perdendo o cansaço, achei-me de início, bem junto àquela multidão compacta. Depois fui sentindo-me oprimido pelo desamparo. Ninguém, ninguém tinha para comigo uma atitude de ajuda. Todos me olhavam rancorosos ou tristes, por achar-me junto a eles. Procurei, em vão, entre aquela multidão que eu passara a amar, um gesto de solidariedade. Nada. Caminhei mais e mais em busca de compreensão. Nada. Todos me julgavam «do outro lado».

«... Fui procurar Laura...»

DR. WILMAR DIAS

ADVOGADO

R. Vidal Ramos, 73

FLORIANÓPOLIS SANTA CATARINA

COMP. IND. FETT LTDA.

INDUSTRIAIS E EXPORTADORES

PINHO

Bruto — Beneficiado — Caixaria

Escritório: Rua 24 de Maio, 246 — Caixa Postal, 16

FLORIANÓPOLIS

JOVENS AUTORES

Uma atraente fórmula cooperativa permitir-vos-á publicar em França as vossas obras (peças de teatro, romances, etc...). Escrever para informações a:

EDITIONS LUTETIA

91, Rue Saint Lazare, Paris 9ème, Seine, France.

CASA VITOR

Especialista em calçados para homens, senhoras e crianças

GRAVATAS

CAMISAS

MEIAS

CUÉCAS

ETC.

Exclusivista dos afamados calçados Scattamacchia

Rua Felipe Schmidt, 3

Florianópolis

LIVRARIA ROSA

Qualquer livro...

(Romance, poesia, religião, técnico)
de qualquer editora...

(nacional ou estrangeira)

ser-lhe-á fornecido

(por Reembolso Postal, si quizer)

Rua Deodoro, 33

Florianópolis

M A R Ç A L

um café superior, para o seu paladar apurado

Fabricante: A. LISBOA

BIGUAÇU

SANTA CATARINA

A VENDA NAS BOAS CASAS DO RAMO

O ÚNICO

FLORISBELO

ALFAIATE

Florianópolis

VITOR DA LUZ FONTES

ENGENHEIRO CIVIL

PROJETOS — CÁLCULOS — CONSTRUÇÕES
TOPOGRAFIA — URBANISMO

Rua Trajano, 14 — 2º. andar

FLORIANÓPOLIS

DR. ARTHUR PEREIRA E OLIVEIRA

CLÍNICA GERAL DE ADULTOS
DOENÇAS DE CRIANÇAS

Consultório: Rua João Pinto 16, sob.

Residência: Rua Alves de Brito, 20

FLORIANÓPOLIS

SALÃO RECORD mantém um gabinete para tratamentos de calos, unhas encravadas e massagem atendendo com hora marcada; de segunda a sexta-feira das 14 às 16 horas. Praça 115 de novembro, 21. Fone 1696 — Fpolis., S. C.

LIVRARIA MODERNA

DE

PEDRO XAVIER & CIA.

dispõe de variado sortimento de material escolar, livros didáticos, papelaria e artigos de escritório em geral.

Rua Felipe Schmidt, 8

FLORIANÓPOLIS

DR. GUERREIRO DA FONSECA

ESPECIALISTA

Do Hospital de Caridade e do Centro de Saude
Ouidos — Nariz — Garganta — Tratamento e
Operações

Residência: Felipe Schmidt, 99 — Tel. 1650

Consultório: Visconde de Ouro Preto, 2. - Das 2 as 5
Pela manhã das 7,30 às 9 horas no Hospital

FLORIANÓPOLIS

CLÍNICA DE CRIANÇAS

DO

DR. M. S. CAVALCANTI

Residência:

Consultório:

R. Alves de Brito, 44 — R. Saldanha Marinho, 16
Fone M. 732 Das 3 às 5 horas

FLORIANÓPOLIS

Srs. Médicos:

Leiam "Imprensa Médica" que é uma Revista 100% científica. Representante para todo o Estado de Santa Catarina, Gustavo de Sá Filho; que representa também os Laboratórios Iatropan, S. Paulo. Façam seus pedidos à caixa postal 343, Fpolis. S. C.

O PARAISO

DE

ELIAS MANSUR ELIAS

FAZENDAS E ARMARINHO

SEDAS E MODAS

Rua Felipe Schmidt, 21 — Florianópolis

C. Postal 74 — Fone. 1629 — Santa Catarina

I. J. ATERINO & CIA.

SUCESORES DE

DEMÉTRIO LUCAS

ARMAZEM DE GÊNEROS ALIMENTÍCIOS

ATACADO E VAREJO

Rua Jerônimo Coelho, 2 — Florianópolis

MACHADO & CIA.

SOCIEDADE ANÔNIMA
COMÉRCIO E AGÊNCIAS

CAIXA POSTAL, 57
TELEG: PRIMUS

ESCRITÓRIO CENTRAL: RUA CONSELHEIRO MAYRA, 54 - TELEFONES 1362-1900-1858
LÓJA: RUA FELIPE SCHMIDT, 42-A - TELEFONE, MANUAL, 778
DEPÓSITO: RUA JOÃO PIETRO, 13 - TELEFONE, MANUAL, 824

DIRETORIA

DIRETOR PRESIDENTE
OSVALDO MACHADO
DIRETORES GERENTES
NIVALDO MACHADO E MÁRIO MACHADO

DEPARTAMENTO DE MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS PARA ESCRITÓRIOS:

PROTEÇÕES DE CHEQUE
MÁQUINAS DE ESCRIVER "ROYAL"
CANETAS E LÁPIS "PARKER"
MÁQUINAS DE SOMAR "BURROUGHS"
CÓPIAS, ARQUIVOS E FICHÁRIOS DE ADO
MÁQUINAS REGISTRADORAS "BURROUGHS"
MÁQUINAS DE CÁLCULO E DE CONTABILIDADE
ARTIGOS E MATERIAIS DE DESENHO, EM GERAL
INSTRUMENTOS E MATERIAIS DE ENGENHARIA
TINTAS "QUINK" E SUPERCHROME "PARKER"
CANETAS "PARKER"

OFICINA TÉCNICA ESPECIALIZADA
PARA CONSERTOS E REPARAÇÕES DE QUALQUER MÁQUINAS

DEPARTAMENTO VAYNE EQUIPAMENTOS VAYNE DO BRASIL, S.A.

GRAXEIRAS
MEDIDORES DE AR
COMPRESSORES DE AR
MÁSCARAS, DIVERSOS TIPOS
EQUIPAMENTOS PARA PINTURA
MÁSCARAS E ÓCULOS DE PROTEÇÃO
ELEVADORES PARA BARBES E OFICINAS
BOMBAS E TANQUES PARA GASOLINA E ÓLEO
ACCESÓRIOS EM GERAL PARA POSTOS DE SERVIÇO, BARBES E BOMBAS DE GASOLINA

MANTEMOS PEÇAS EM ESTÓQUE
DISPONÍVEL DE REPARAÇÃO ESPECIALIZADA EM CONSERTOS E MONTAGENS

DEPARTAMENTO DE REPRESENTAÇÕES.

MALHARIA
SABONINAS
FLAVORENS
NORMA-MATE
TECIDOS FIMOS
CHAMITOS FIMOS
FIMOS "DOLAN" BELGIAN
BOLACHAS DE TIPO
TECIDOS UNIDOS EM GERAL
MEIÃO PARA HOMENS E SENHORAS
BEBIDAS E CONSERVAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

DEPARTAMENTO DE SEGUROS:

AGENTES GERAIS, EM SANTA CATARINA, DA

EQUITATIVA TERRESTRES, ACIDENTES E TRANSPORTES S.A.
E, PARA O SUL DO ESTADO, DA
ATALAIA CIA. DE SEGUROS GERAIS
ATALAIA CIA. DE SEGUROS CONTRA ACIDENTES DO TRABALHO
INCÊNDIOS - TRANSPORTES - ACIDENTES PESSOAIS
ACIDENTES DO TRABALHO - ACIDENTES DE TRÂNSITO

DISTRIBUIDORES:

AUTOMOVEIS "PACARD"
COLGATE - PALMOLIVE "PEET" CO. LTDA
INSTITUTO MEDICAMENTA FORTOURA S.A.
FONTO-QUINCA S.A. (DETEPON, CERA PARA BOALHO, ANTUFON E GARNAPATIDIAS)
DUNLOP: PNEUS, CÂMERAS DE AR, ACUMULADORES, CORREIAS PARA VENTILADORES
POLIAS PARA MÁQUINAS E CAPAS DE BORRACHA
FILIGLIA: BALANÇAS AUTOMÁTICAS, DE BALÇÃO DE 5 A 20 QUILOS - PARA PESAR
BASTO, DE PLATAFORMA, PARA PESAR, PARA AGUÇAR, PARA TENDAS,
PARA QUINDASTES, PARA PESAR CARROS E CAMINHÕES, PARA VARRER
CORTADORES DE FRIGOS
LÂMINAS E APARELHOS "GILLET"

AGENTES:

SCANDINAVIAN AIRLINES SYSTEM
SERVIDOR AERÉO CRUZEIRO DO SUL LTDA.
PASSAGEIROS, CARGAS E EMOENDAS ENTRE:
BRASIL, ARGENTINA E QUALQUER PAÍS DA EUROPA

REFERÊNCIAS BANCÁRIAS:

BANCO DO BRASIL
BANCO NACIONAL DO COMÉRCIO
CAIXA BANCARIA HOEFER, LTDA.
BANCO DO DISTRITO FEDERAL S.A.
BANCO DE CRÉDITO POPULAR E AGRÍCOLA
BANCO INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS
SANTA CATARINA

SUA - AGENTES NOS PRINCIPAIS MUNICÍPIOS DO ESTADO

**Não criticar, odiar ou
condenar, mas procurar
compreender.**

Spinoza

**Sem a idéia nada é
grande, sem grandeza na-
da é belo.**

Flaubert

CASA "A CAPITAL"

Especializada em artigos para homens, senhoras
crianças

Distribuidores das afamadas confecções

"DISTINTA" e "RIVET"

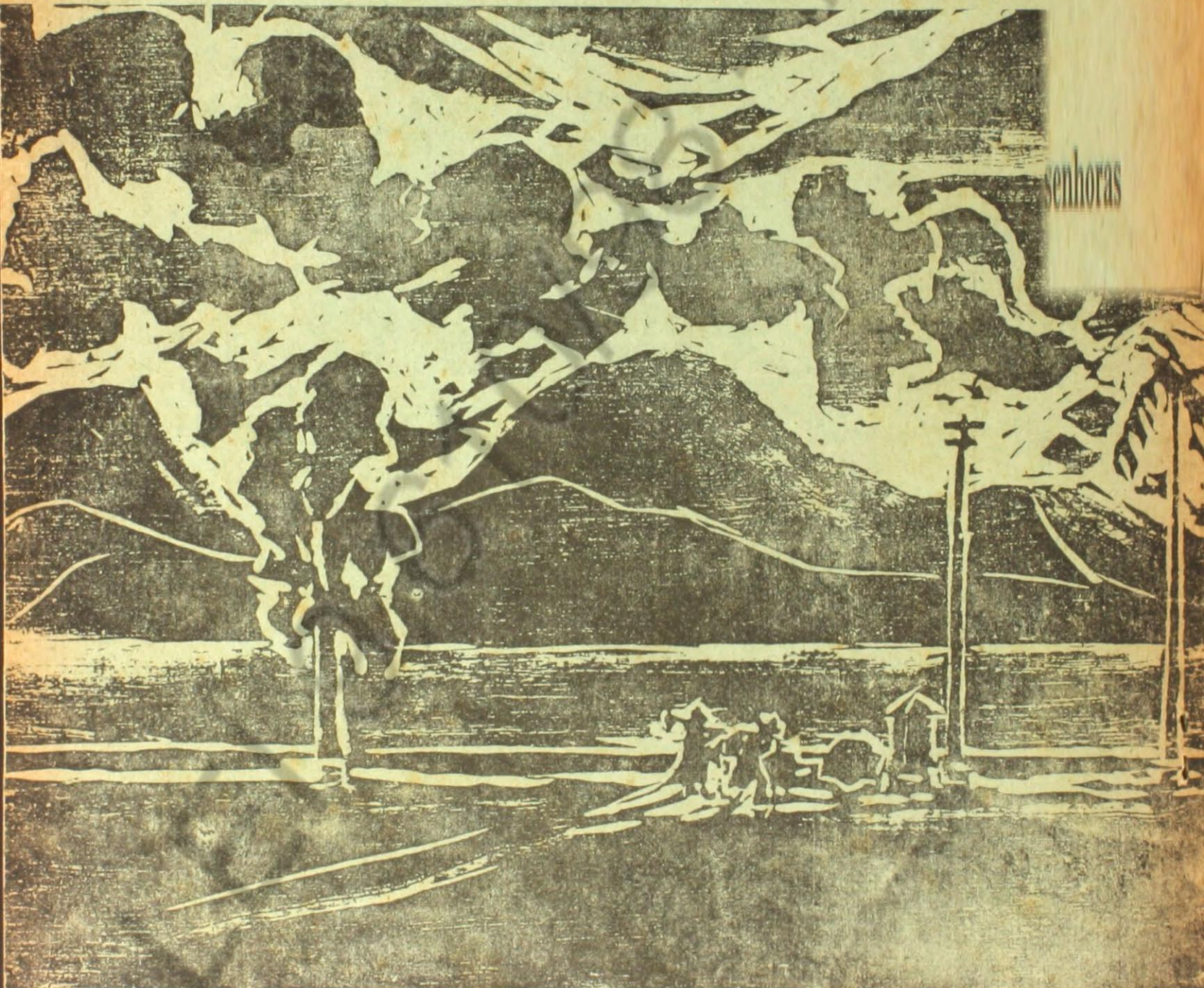
FILIAIS:

BLUMENAU — TUBARÃO — LAJES

MATRIZ:

FLORIANÓPOLIS

Vendas: Varejo e Atacado



Crepúsculo — Xilogravura de O. Goeldi